

+

1452.7.29

REVELAÇÕES



PARIS. — IMPRIMERIE DE AD. LAINÉ ET J. HAVARD, RUE DES SAINTS PÈRES, 19.

REVELAÇÕES

POESIAS

DE

AUGUSTO-EMILIO ZALUAR



O LAR. — EPHEMERAS.

A MUSA FRATERNAL. — HARPA BRASILEIRA.

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B.-L. GARNIER

69, rua do Ouvidor, 69.

PARIS. — GARNIER FRÈRES

6, rue des Saints-Pères.



A

JOAÕ VAN-ERVEN

**Homenagem prestada ao cavalheirismo,
á probidade e ao merito.**

Por

A.-E. ZALUAR.



A presente collecção de versos não é a expressão completa do pensamento do autor chamando-a : REVELAÇÕES.

É apenas o complemento d'um primeiro volume de poesias, que offereceu ao publico em 1851 com o título DORES E FLORES, e que hoje alarga, sem com tudo affastar-se na quasi generalidade de suas composições, da orbita de seus sentimentos individuaes, para entrar nos dominios da meditação philosophica, como lhe foi observado por um critico de elevada intelligencia.

Era preciso porèm ser logico e coherente.

O individuo e a familia, são o assumpto por assim dizer exclusivo destas primeiras impressões, porque são esses os primeiros cyclos em que o coração inspira a musa do poeta, antes de arrebatá-la á contemplação profunda da criação e do infinito.

Assim pois, este volume e o das DORES E FLORES resumem as duas primeiras phases de seus trabalhos poeticos, que mais tarde serão completados, talvez com mais largo desenvolvimento.

REVELAÇÕES porèm ficará sendo o titulo generico de todas as obras poeticas do autor, abrangendo não só os dois volumes publicados, como os que se lhe seguirem e forem inspirados pela contemplação da humanidade, os esplendores do mundo physico, e os mysterios da religião e do Creador.

É esta a eterna ascensão do pensamento humano, quando se eleva a interrogar as maravilhas que o rodeião.

No pequeno livro que hoje sahe a lume, já se deixa revelar em algumas poesias a transição dos primeiros élos para uma cadeia mais larga de suas impressões cosmogonicas.

A composição *Os Rios* é o laço que vincula o consorcio destes volumes á obra que se lhe ha de seguir.

Eis o que o autor entende dever explicar, quanto ao titulo que adoptou, pois se quizesse desenvolver aqui toda a sua theoria neste assumpto, ser-lhe-ia preciso escrever um outro livro.

O autor conhece que a ideia que traçou em sua mente é grandiosa, que brilhantes horizontes se abrem à sua imaginação, mas sente ao mesmo tempo que um thema tão magestoso tenha tão humilde e desconhecido cantor.

Cattete, 4 d'Abril de 1862.

O LAR.

A FAMÍLIA.

Triste de quem perdeu o doce e santo abrigo
De seu ditoso lar! O ninho quente e amigo,
Onde a família em torno o círculo seu prefaz;
Não mais ledas verá nas relvas do canteiro
As crianças brincando! E ao sol pôsto do outeiro
Todos a desfilar volvendo á casa em paz!

A' tranquilla morada a luz doura a penumbra!
O franco e jovial prazer ali ressumbra ;
Presente em todo o ser parece o proprio Deus!
A fronte mais austera escolhe a divindade
Para o symbolo dar da mystica trindade,
Que vemos a sorrir lá na mansão dos céos!

O berço junto ao leito endeixas lhe murmura!
Por fios invisiveis d'electricidade ternura
O filho prende á mãe — o pae nos dois revê!
Oh! concertos d'amor! conversas de caricias!
Eis o gozo sem fim! São estas as delicias
De que ao terno casal o coração provê!

No intimo recesso ameiga-se a rudeza
Ao echo das paixões! — E' calma a natureza.
Do mundo, em seus umbraes, a vaga quebra em vão!
Tudo respira ali os candidos affectos
Com que a graça divina aos entes predilectos
Premeia, se merecem, a sua redempção!

No domestico templo a placida existencia
Um peso não é já! Serena a consciencia
Dicta na meiga tribu a respeitada lei!

O paternal conselho á fronte inexp'riente
O fogo juvenil modera de repente
E seu poder impõe á terna e docil grei.

Dormem as ambições : os pallidos terrôres
Não espinhão a vida, onde só brotão flôres ;
Parece que a ventura oh! nunca terá fim!
Se a fortuna na terra encontra uma guarida
E' no seio ineffavel — na sombra amena e qu'rida
Onde a familia assenta o festival jardim!

Porèm um dia... oh! mágua! Eil-a pendendo á porta
A funebre cortina!... Em torno estão da *morta*
O pae na dôr immerso — os filhos a chorar!...
Depois reina o silencio!... a caza abandonada
E' uma sepultura ; e ás fendas arraigada
Só das campas a flôr se vê desabrochar!...

Triste de quem perdeu o doce e santo abrigo
De seu ditoso lar! O ninho quente e amigo,
Onde a familia em torno o círculo seu prefaz ;
Não mais ledas verá nas relvas do canteiro
As crianças brincando! E ao sol pôsto do outeiro
Todos a desfilar volvendo á casa em paz!

A MINHA IRMÃ.

Perguntas, minha irmã, se de ti longe,
Já me não lembra acaso o nome teu?
Perguntas se a distancia — o mar — os annos
Tão puro e santo amôr arrefeceu?

Oh! não! que era impossível! Nem ha força,
Que logre as nossas almas dividir!
Podem laços mais frageis desatar-se,
Irmãos porèm quem ha de desunir?

Se no brando calor do mesmo seio
Encontrámos da vida o doce alento;
E o mesmo berço inda conserva unidas
Duas datas : o nosso nascimento ?

Como podem riscar-se da memoria
Esses dias de paz abençoados,
Que volverão serenos, como os astros
Em luminosa senda deslizados ?

Esses dias de candida innocencia,
Em que a vida não tem noite sombria ;
É tudo aurora — luz, perfume e rosas,
Acompanhado d'intima harmonia ?!

Quanto mais a existencia se avizinha
De seu termo fatal —, mais a saudade
Nos punge, minha irmã, nos traz á mente
As lembranças de nossa mocidade!

E tu perguntas inda se não penso
Na tua doce imagem? Santa e pura
Irmã do meu affecto! Alma nascida,
Como os anjos, d'amôr e de ternura!

Oh! sim! Eu penso em ti! Tu formas parte
De meu ser immortal. — Associados
Andão nossos espiritos, embora
Nossos corpos existão separados!...

Penso em ti como o triste prisioneiro,
Quando desce da noite a escuridão,
Pensa no lar saudoso, e curva os braços
Encostado no muro da prisão!

Penso em ti, como o pobre navegante
Pensa na patria, e sente a meiga esp'rança
Após a tempestade renascer-lhe,
Quando as ondas se vestem de bonança.

Penso em ti, como pensa o filho amante
Na ternura dos maternas carinhos!
E como a mãe que scisma no futuro
Abraçada entre o grupo dos filhinhos!

Sim! Penso em ti com esse affecto extremo
Mais brando que o amôr — porém mais santo;
Sentimento ineffavel em que o riso
Brota da fonte donde nasce o pranto!

Penso em ti, como o anjo que te guarda
E na sombra das azas te adormece;
Que, orando de mãos postas junto ao leito,
Em teus candidos sonhos apparece!

Penso em ti, minha irmã, quer a tristeza
Em profundo scismar me envergue a frente,
Quer n'um curto momento d'alegria,
O coração me pulse de contente!!

AQUELLA ESTRELLA!

A pura, eterna belleza,
Que ás filhás da natureza
Aos anjos de Deus iguala
Encontrei-a! — Desenhal-a
Não sei eu, mas era ella!
Foi minha gloria — adoral-a;
E meu martyrio — perdel-a!

Na terra peregrinando
Andou a triste, chorando
Neste desterro da vida...
Firme, porém abatida
Como quem a occulta dôr
A alma sente rendida...
Mas espera com fervôr.

Já o fio da existencia
Lhe fugia — e a innocencia,
A doce resignação
Tinhão em seu coração
O fogo perenne a arder !...
Era mais viva a oração
Quanto mais fundo o soffrer !

Eu tentei, vendo-a no termo
De seus dias, ao enfermo
Peito della dar alento ;
Mas vago padecimento
Aquella flôr consumia,
Murchada ao sôpro do tempo
Na manhã arida e fria...

Já era tarde ! Escaldavão
Aquellas mãos, que inundavão
Minhas lagrimas ferventes...
A seus labios innocentes
Unia os meus... e julgava
Que com meus beijos ardentes
Nova existencia lhe dava !..

Louco ! Do vivo esplendor
De seus olhos o fulgor
Pouco a pouco se empanava !
Na face, que desmaiava ,
Só das rosas virginaes
Doce rubor conservava
Os pudibundos signaes !

Seu espirito rompia
A têa que o envolvia...
Como essencia vaporosa,
Que da urna preciosa
Pelas fendas se derrama...
Subia silenciosa
D'aquella alma a pura chamma !

E eu? ai! como não morri,
Quando fria e morta a-vi?
Que tanto... tanto chorei,
Quando seu corpo abracei,
Que perdi a vista, a luz
Do entendimento, e fiquei
Só!.. aos pés da sua cruz!

Ai! fiquei! Porém tão triste,
Como quem já não existe,
Nem sonha n'outra ventura,
Que não seja a sepultura!
Ella, mais feliz, morreu...
— Será su'alma a luz pura
D'aquella estrella do céu?..

A MEU FILHO.

**Um dia nas praias desertas da vida
Após o naufragio, tremendo acordei...
Tu és, ó meu filho, da arca perdida
A urna que apenas das ondas salvei !**

Es pois o meu mundo ! Sem ti nada existe
No vasto universo que eu possa inda amar !
O sol não tem raios... a noite é tão triste !...
Os céos são abysmos e abysmos o mar !

Em ti duas almas n'um corpo resumes ;
Na terra uma dellas prisões inda tem...
A outra mais pura de luz e perfumes
Herdaste-a d'um anjo que tinhas por mãe...

Tu és, ó meu filho, nos ermos da terra
Meu unico abrigo, meu socio fiel !
O calix da vida que amargos encerra
Por ti offertado tem favos de mel !

Deleito-me ao ver-te os cabellos dourados
Ornarem-te em cachos a fronte gentil !
Teus olhos tão negros, os labios rosados...
Reunes as graças da idade infantil !

Que ativa viveza no gesto e no porte !
Na fronte rasgada o mysterio transluz ;
Parece que infante, confias na sorte
Que pôz o teu berço nos pés d'uma cruz !

A casa deserta respira alegria
Se folgas contente, brincando e a rir!
Do sol uma restea brilhante allumia
O lar que das trevas parece surgir!

Se oppresso d'ideias a curva cabeça
Aperto entr'as mãos, profundo a scismar;
Receias, tens medo talvez que enlouqueça
E vens-me com beijos sereno acordar!

Se vês de meus olhos no rosto sombrio
A lagrima ardente furtiva correr,
Teu pranto adorado da palpebra em fio
Eu sinto em meu peito filtrar-se, embeber...

Se calmo padeço, e as máguas te occulto
Prophético instincto te guia a razão;
Teus olhos me fitão pedindo-me indulto,
Quando eu sou quem devo pedir-te o perdão.

Nós somos dois élos da mesma cadeia!
Por nós se entrelaça o passado ao porvir...
Eu sou uma sombra — tu és uma ideia
Eu tronco abatido — tu ramo a florir!

Se a sorte te arranca porèm de meus braços,
Bem vês que minh'alma comigo não vai :
Assim quando ouvires nos ermos espaços
Chamar-te : « Meu filho ! » Responde : « Meu pae ! »

Sou eu que te invoco, que tenho desejos
De ver-te, abraçar-te, meu filho, sou eu !
Sou eu que te envio nas auras mil beijos,
No ar que respiras o sôpro que é meu !

EPHEMERAS.



A NOITE.

A F. C.

A virgem da noite no azul transparente
Do lago tremente reflecte o perfil;
E o manto d'estrellas sorrindo desata
Em ondas de prata'no ether subtil!

A terra abrazada palpita em desejos!
Nas selvas os beijos s'escutão d'amôr :
As auras travessas brincando nos ramos
Abração em chammas o collo da flôr !

Trepidão regatos por entre a verdura
De branda espessura em doce gemer ;
Em vago, amoroso, celeste abandono
Parece que ao somno convida o prazer!

A mystica sombra dos bosques frondosos
Nos campos saudosos phantasmas produz!
Eterna, incessante, suave harmonia
Nos diz — Poesia! — nos raios da luz!...

Que Noite! E que immensa, profunda tristeza
Do céo na pureza, nos astros, no ar!
Saudade infinita, que as almas devora
Sentimos nest'hora, pungir, abraçar!

Poeta, silencio! curvemos a fronte
Ao vivo horisonte d'ignoto arrebol!
No seio do noite fecundo estremece
E surge, apparece em breve outro'sol!

Extatico e mudo adoro e contemplo!
Nas áras do templo me prosto ante Deus!
Mas tu, cujos cantos o genio illumina
Na harpa divina remonta-te aos céos!....

A UMA SENHORA.

O mundo não tem prazeres que sejam dignos de substituir-se áquelles que nos rouba, quando os pensamentos de fogo da juventude se apagam no coração antes de findar a vida.

BYRON.

Quando a quadra feliz da juventude
Meus dias inflorava de boninas
Eu sabia cantar, e minha lyra
Tinha nas cordas vozes peregrinas.

A cada affecto nobre um puro canto
Exhalava minh'alma, e repetia
Ao mar, aos astros, ao silencio, á noite
Carmes de mágua ou hymnos d'alegria.

Ainda o vulto negro do futuro
Não m'empanava o brilho ao sol da vida,
Era luz a montanha, o campo esmalte
E a tormenta nos céos adormecida.

Mas agora onde irei? Oh! doce amiga,
Colher aquella flôr que o genio affaga,
Se já não tenho sol, nem luz, nem vida
E o astro sinto que a morrer se apaga?

Espinhos forão só que me ficarão
De minhas illusões, de meus enganos,
Epitaphio cruel na sepultura
Que sinto abrir-se nos meus verdes annos!

A'S ORPHÃS DE S^{TA} THEREZA.

Deus que aos céos a terra prende,
Que tantos mundos creou,
Foi quem d'humildes boninas
Os prados alcatifou!

Quem ás estrellas deu brilho,
Deu ao sol tanto fulgôr,
A's almas tantos affectos,
Aos corações tanto amôr;

Quem deu a todo o universo
Vida, luz e movimento,
Deu ás florinhas orvalho,
As avezinhas sustento :

Protector não desampara
A quem geme na orphandade,
Um thesouro inexhaurivel
Tem nas mãos da caridade!

Abri, ó ricos, os cofres,
Dae todos esmolas, dae!
Aos pobres anjos da terra
No mundo servi de pae!

Quando a infancia desvalida
Pede ás almas caridosas,
As esmolas se convertem
Em riquezas preciosas!

Tanto n'aurera da vida,
Como no fim da existencia,
Somos fracos— a velhice
Segue os passos da innocencia...

A moeda que resoa
Na urna da compaixão
Vibra em ondas infinitas
Seu valor no coração!

Abri, ó ricos, os cofres,
Dae todos esmolos, dae!
Nasce o exemplo do throno,
O monarcha é tambem pae!

ARRUFOS.

Olha, Eliza! Escuta, vida,
Não estejas tão sentida
Nesse choro a soluçar ;
Tem pena de mim coitado!
Arrufos de namorado
São doces de perdoar!

Dizes que sou inconstante,
Que tenho já outra amante,
Que lhe dei a tua flôr....
Ah! louca! como és zelozza!
Não dei, não! Perdeu-se a *rosa*....
Mas como?... não sei, amôr!

Tinha-a no peito guardada,
Procurei a malfadada,
Cahio-me.... talvez murchou....
E por isso tens ciume?
Que val a flôr, se o perfume
Oh! não se perdeu, ficou?!

Levanta os olhos, minh'alma!
Acalma teu choro... acalma...
Mal comigo? Ficar mal....
Por uma desconfiança?
Não tenhas zelos, criança!
Que não tens outra rival!

Não te escondas, sensitiva!
Abreo seio, flôr esquiva

A vida que o sol produz!
O tempo é curto! — e a ventura
É como o clarão que dura
Em quanto o facho dá luz!

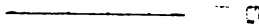
Vem, que a tua face linda
Ficou mais bonita ainda,
Depois que empallideceu!
Levanta os olhos pisados,
Astros d'amôr orvalhados
Pelas lagrimas do céu!

Oh! vem! que esperas? rendido
Não me vês? Não vês perdido,
Perdido de tanto amar?
Eu! a quem a ideia mata
De teus desprezos, ingrata....
Havia a *rosa* ofertar?!

Vem, no meu peito anhelante
Reclinar-te. Do semblante
Affasta os cabellos; vem,
Que este coração altivo,

Morto para todos — vivo
É só teu! Teu só, meu bem!

Tingio te o rubor do pejo
A face... Amôr, desejo,
Tudo sinto n'alma arder!
Agora sim, doce enleio
Perdoaste? Ou no teu seio
Vou criminoso morrer?!!



A UMA ACTRIZ.

O anjo das artes, um dia a teu lado
Baixando dos ares, pousou e sorrio !
Depois nessa frente — um beijo divino,
O beijo do genio solemne imprimio.

Entraste na scena! E a fronte enramada
De louro immurchavel, altiva elevaste!
Triumphos e glorias, e palmas e flôres
Tu foste colhendo por onde passaste!

As turbas, apenas tu surges, te seguem
Por teu soberano talento arrastadas!
Os peitos dominas, as almas captivas,
E curvas, soberba, mil frontes c'roadas!

O mundo caminha! Buscando o infinito
Seu gyro prosegue os astros e os sóes!
A vida da terra no céu continuam
Das artes os filhos, do engenho os heróes!

Tu segues, não páras! Avante! Recebe
Das grandes victorias do Palco os penhóres!
Se um dia na campã murcharem-te os louros
Terás as estrellas por c'roas de flrôes!...

Freneticos « bravos » em torno retumbam!
Um povo te applaude—fatidica artista!
Os vivas recrescem... refervem as palmas...
E tu caminhando da gloria á conquista!

Avante ! E prosegues da scena rainha ,
Mulher que revelas um mundo ideal !
Tu passas na terra — mas já nessa fronte
A chamma se ateia da vida immortal !

ADEUS!

— « Adeus ! adeus ! » — Eu murmurei ; fitando-te
Com alma oppressa de tristeza e dôr !

— « Adeus ! » disseste ; e me apertaste trémula
A mão que em febre te estendi d'amôr !

Trajavas preto nesse dia, e pallida
Inda te vejo, apparição do céu !
Eram-te adorno refulgentes perolas
No braço eburneo e sob o casto véo !

Foi curta e breve a despedida subita...
Longa a saudade que a pungir ficou !
Como esquecer-me desse instante rapido
Que entre suspiros a fugir passou ?

A meiga face reclinaste candida
Quasi abatida, na formosa mão !
Luz ineffavel de teus olhos vívidos
Senti banhar-me em gozo o coração !

Assim ficaste—em quanto despedindo-me
Inda te disse um demorado « Adeus ! »
E sem falar-me, respondeste languida,
Saudosa, os olhos levantando aos céos !

Parti ; deixei-te. Na folhagem trémula
Ouvi teu nome o vento suspirar...
E a cada passo que avançava, extatico
Cuidava ver-te... ao longe te escutar...

Oh ! que era engano ! No meu rosto livido
Cava bem fundo da saudade a dôr,
Até que finde do desterro a súplica
Que ao céo levanto pelo nosso amôr !...

CAMELIA.

**Camelia descorada, estatua fria
Formosa, porém morta e sem fulgor!
Entre as alvas cortinas de teu leito
Tu dormes da existencia no torpor !**

Embora a lua esplendida desdobre
O manto seu na tremula folhagem,
E dos jasmins que adornam-te a janella
Sopre em teu seio a tepida bafagem ;

Repousas insensivel, corpo inerte,
Sem um raio de luz n'alma talvez !
Dos olhos pretos desenhando os cilios
De teu rosto na muda pallidez !

Quando em torno de ti — do céo á terra
Prende um laço amoroso a criação ;
Que fazes mulher pallida e sem vida,
Se não sentes bater o coração ?

Enigma do destino, anjõ cahido,
Quem foi que sobre a terra te perdeu ?
Vens das trevas buscar a claridade,
Ou foste abandonada pelo céo ?

Mas vives ! E o viver é um dom celeste,
Que Deus á creatura consagrou ;
E ao fazer-lhe a offerta da existencia
A padecer e amar a-condemnou !

Acorda pois do somno de torpeza!
Liberta o corpo e a alma pelo amôr!
Rompe o lôdo do vicio em que vegetas,
E surge ao sol, como a sorrir-se a flôr!

Tanta belleza, encantos tão divinos
Arrastados do mundo n'abjecção!
Estatua sê mulher, e torna á vida
Resgatando primeiro o coração!

SAUDADES.

No cimo dos montes, ao som da corrente
Que a lua tremente prateia a fulgir,
Que horas eu passo — scismando, scismando...
E ás sombras falando que vejo surgir...

Agora no encosto da penha escavada
Deviso estampada de negro uma cruz;
E tu, junto della, pousar vagarosa,
Oh! virgem formosa, banhada de luz!

Depois de joelhos os labios agitas...
E tremes, palpitas, pedindo ao Senhor,
Talvez me converta da vida os espinhos
Em brandos carinhos, em sonhos d'amôr!

Immovel outr'ora na plaga deserta
Eu vejo-te incerta, celeste visão,
Cruzando teus braços no seio tão bello
E o negro cabello rojando no chão.

Ao brilho dos astros, da brisa ao alento,
Ao vago lamento do rio a chorar,
Eu ouço-te e vejo-te, ó candida imagem,
Do bosque a folhagem passando agitar...

De ti separado — que fundo martyrio!
Eu sinto em delirio qu'esta alma s'esvae;
E quero do exilio, na dôr que me opprime,
Um grito sublime mandar-te n'um ai!

Agora que a lua parece que o medo
A face em segredo saudosa escondeu,
Eu juro que a morte não pode apartar-nos,
E havemos amar-nos na terra e no céu !

PERDÃO!

I

Perdão, se um dia insensato
Tanta fortuna aspirei,
Fui tão louco e temerario
Que ser amado julguei!

Perdão! A culpa foi minha!
Fui eu só o criminoso!
O malfadado fui eu!
Olhei com olhos da terra
Para as venturas do céu.
Perdão para a minha audacia!
Perdão para o meu soffrer!
Eu buscava em ti a vida,
Mas tu me mandas morrer!
Eu beijo a mão que me mata,
Pois punindo o meu delirio
Das-m'as glorias do martyrio!
Perdão! outra vez — perdão!
Os crimes do coração
Devem-nos ser perdoados
Quando somos desgraçados!

II

Muito soffri! Inda agora
Padeço, padeço tanto,
Que se visses o meu pranto
Ai! de mim terias dó!
Ao desatino na vida,

Sem saber quem me conduz,
Só de ti me vem a luz,
Es o meu mundo tu só!
Nem sei se existo!

Mas diz-me

Este fogo que em mim corre,
Que o sentimento não morre,
Que o amôr é immortal ;
Pois a tanto resistio
Em mim esta chamma ardente,
Que mais a sinto potente
Quanto maior é meu mal.

III

Ousei dizer que te amava!
Fui cobarde — tive medo
Que guardando este segredo
Me queimasse o coração!
Devia tel-o occultado
Para ver se assim a dôr
Podia na intensidade
Igualar o meu amôr!
Mas não pude ; fui um fraco :

Tudo emfim te confessei.
Para dar-te quanto tinha
Nem meu segredo guardei!
Imprudente não sabia ,
Que o segredo revelado
Torna o homem desgraçado,
Quando salvá-o podia !

IV

Agora que tudo sabes
Perdoa meu crime audaz ;
Não julguei que o pensamento
Fosse tão grande tormento
Para quem perdeu a paz
De seu intimo viver.
Sei que me cumpre soffrer ;
Mas tem pena de minh'alma,
Que no fogo da paixão,
Vai queimar-se impenitente ,
Vai arder sem contricção!
Perdoa, que o teu indulto
Se me não salvar a vida,
Talvez que traga bonança

A' minha razão perdida!
Oh! perdoa, anjo do céu!
O crime somente é meu.

V

Irei buscar, se me ordenas,
O meu perdão a teus pés.
Se mesmo assim me condemnas
Eu me resigno, bem vês.
Amado, sou venturoso!
Mas se punes sem piedade,
Guarda ao menos a saudade
De meu amôr desditoso,
E das lagrimas que verto
No mais intenso do peito,
Como sobre os teus arminhos,
Gottas de sangue arrancadas
Por minha c'roa d'espinhos!

ANJO DA FÉ.

Entrei no templo ; era ao sol pôsto ! As sombras
Vacillavão do occaso á frouxa luz...
E cheia d'esplendor no altar solemne,
Abrindo os braços, radiava a cruz !

Do orgão ao som as preces sacrosantas
Resoavam das naves n'amplidão.....
E entre nuvens d'incenso vaporosas
Ao seu Deus adorava a criação !

Em mystico perfume embriagada
Quer-se a alma do corpo desunir,
E despresando o fragil envoltorio
Por entre o espaço como a voz, fugir !

Junto á columna solitario e mudo
Encostei-me um momento a meditar...
E embalado n'um extasi divino
Senti-me a um mundo ignoto transportar...

Na proxima capella os olhos fito ;
E vejo — que ineffavel sonho meu !
Nos marmoreos degráos ajoelhada
Uma virgem envolta em longo véo.

Seu rosto descoberto era mais bello
De que o typo increado do ideal !
Tinha uns visos d'humana n'apparencia,
Mas nos olhos um fogo divinal !

Oh! quem era a formosa penitente?
Quiz sabel-o, não soube; inda o não sei!
Porém bastou-me um só instante vel-a,
E jamais a visão esquecerei!

Eu, que descreia sceptico do mundo
Desde então novo crente me senti!
Qual Lazaro que surge á voz do Christo,
Tambem da minha tumba ressurgi!

Se tem nome na terra conhecido
Repetil-o não sei, não sei qual é!
Para mim, que salvou-me de mim proprio
Um só nome lhe dei : ANJO DA FÉ!

O fogo extincto de meu genio exausto
Senti de novo o espirito accender!
De novo aspiro aos gozos—á existencia!
Quero sentir—quero outra vez viver!

Tudo das proprias cinzas se renova!
A luz nasce da luz—a flôr da flôr;
Porque não ha de o homem de si mesmo
Nascer de novo, quando nasce o amôr?

Vivo! já vivo! E possó audaz ao tempo
Soltar do peito a fervida canção!
A fé reaccendeu minh'alma exangue,
Sinto abraçar-me o fogo da paixão!

Sahi do templo; era já noite. As sombras
Não vacillavão mais a frouxa luz,
Pois só via na mente illuminada
Um anjo ajoelhado aos pés da cruz!

Ei-los passando em seus soberbos carros
Cobertos d'ouro, fitas e listões
A' luz d'um céo d'encantos ostentando
Luzentes, hierarchicos brazões!

Não vedes como é brilho quanto os cerca,
Estrondo, vivas, salvas, esquadrões?
Deixae passar, ó turbas apinhadas,
Condes, cavallos, pagens e barões!

Oh! que pompa ostentosa em tanto brilho!
Dae passagem aos nobres histriões,
Que a luz externa torna mais sinistras
Das trevas d'alma as funebres visões!...

MULHER-ESTATUA.

Cuidei que a vida animava
A belleza peregrina
De tuas formas; — pensava
Que em tuas veias gyrava
Um sôpro d'alma divina!

Tanto acorde harmonioso
Formando um ente tão bello!
Mas contraste doloroso!...
Só tens, ó mytho enganoso,
Luz no corpo — e n'alma o gelo!

Só da humana natureza
Herdaste a materia — o nada!
Tua frivola belleza
Tem, como a estatua, a frieza
No branco seio infiltrada.

Teu pensamento inconstante
Voa d'uma a outra ideia,
Como o vento sussurrante,
Agita, move incessante
Os combros de sôlta areia.

De quanto é puro descrès
Com sorriso glacial;
O anjo do bem não vês,
Mas ajoelhas-te aos pés
Submissa ao anjo do mal.

Teu coração prisioneiro
De loucas e vãs paixões,
Renega o Deus verdadeiro
Por um idolo grosseiro
De quem adora os grilhões!

Dessa lampada brilhante
Alenta, mulher, a chamma!
Troca o folgar delirante
Por um affecto constante;
Se a vida desejas — ama!

Oh! ama! Embora o tormento
Do peito te arranque o pranto!
Ama, sim! que o soffrimento
Purifica n'um momento
A alma se o amôr é santo!

Porém d'uma vez desterra
As chimeras enganosas
Em que vagas sobr'a terra;
O astro, que a luz encerra
Só tem zonas luminosas!

Um momento distraida,
Ou por *acaso* talvez!
Vi teus olhos me fitarem
Banhados em languidez...

Estremeci... Esse raio,
Qu'instantaneo fuzilou,
Aniquilou-me o presente,
O meu futuro mudou!

Desde então em minha mente
Só uma ideia domina,
Véle ou durma — sonhe ou pense :
A tua imagem divina!

.
Oh! anjo de luz! Aceita
De meu sacrificio a palma!
Já que a vida te pertence,
Recebe tambem miuh' alma!

A LAURA.

Tu entras como em triumpho
Da vida alegre os umbraes,
Passas do seio dos anjos
Para os braços de teus paes.

Tudo em ti é luz e gala!
Parece, gentil menina,
Cingir-te a fronte innocente
Uma auréola divina!

E só perfume, harmonia
Quanto em torno te circunda
Até o céu se retrata
Na vaga azul e profunda!

Aquecida ao doce alento
Do materno e santo amôr,
Es uma flôr debruçada
No regaço d'outra flôr!

Como assim é doce a vida!
A' noite succede a aurora,
Uma d'estrellas t'envolve,
Outra de rosas t'inflora!

Era uma tarde e vi-te pensativa
Ao piano sentar-te : as mãos nevadas
Correr nas brandas teclas, que vibrarão
Como se fossem subito animadas.

Primeiro, como um languido suspiro
D'incognita saudade — o som gemente
Adormecia em morbida tristeza
O coração no peito docemente.

Depois fogaz a dôr soltava um grito
N'aquelle mar d'immensas melodias,
E tu mesma nas notas palpitantes
Teus intimos segredos repetias.

Ora frouxa a cadencia soluçava
Como o pranto no peito comprimido,
Ora ao passar teus dedos delicados
S'exhalava nas azas d'um gemido.

Na mobil expressão do rosto bello
Ressumbravão-te as chammas em que ardias,
No rapido tremendo seio oppresso
Quem sentir-te fizera o que sentias!!...

.
Da santa inspiração a subtil flamma
De tu 'alma passava meiga e pura,
Para o mago instrumento, onde vibravas
Acordes ineffaveis de ternura!...



ADEUS D'UM ARTISTA

AO RIO DE JANEIRO.

Ai! vou partir! Saudoso peregrino
Meu pranto verte a doce gratidão!
Em penhor, nobre povo, deste affecto
Levo a saudade e deixo o coração!

As cidades da Europa me disputão,
Ao Capitolio das artes m'exalcei!
Mas o dia do meu maior triumpho
Foi quando vossas palmas abracei!!

Do Guanabara adeus! ridentes margens!
D'eterna primavera eterno abril!
Adeus! patria das almas inspiradas!
Adeus! terra d'amôr! Adeus Brazil!

CORAÇÃO INFELIZ.

Quem sabe, Eliza, o segredo
De quem soffre? Quem conhece
A febre que abraza o sangue
Do coração que padece?

Se o desgraçado não fala,
Se as suas penas não diz,
Quem sabe, Eliza, o segredo
Do coração infeliz ?

Quantas vezes o horizonte
É tão puro á luz do dia,
Mas de noite amargo pranto
Verteu a nuven sombria !...

Quem sabe, Eliza, o segredo
De quem é triste— e devora
Nas ancias do proprio peito
Ai ! as lagrimas que chora ?

O segredo é mais que a vida ;
É perfume d'alma ; é flôr !
Quem ha de quebrar o encanto
Do coração, meu amôr ?

Ninguem pergunte o segredo
De quem padece e não diz ;
Oh ! ninguem ! que lhe lacera
O coração infeliz !

A UM POETA.

Do genio e do infortunio a magestade
São duas c'roas sobre a mesma fronte ;
Sombra da terra junto á luz celeste ,
Noite e dia nas orlas do horizonte !

Porém o nome teu brilha em dois mundos !
E como o sol que aviva a criação,
Descreve n'uma curva luminosa
De tua gloria a vasta proporção !

CONFISSÃO.

1

Tu persistes no teu rogo,
Queres enfim saber tudo ;
Revolver buscas o fogo
Ao vulcão extinto e mudo !

Mas olha, incauta gentil,
Ha segredos de tal sorte,
Que dão vida a quem os ouve,
E a quem os revela a morte!
Mas porfias?... Infantil
Não seja o receio meu!
Occultar cousas da terra,
A quem conhece as do céu!
Não posso... Ouve-me, escuta
Deste amôr em que me abraço
Qual tem sido a acerba luta.

II

Já antes de conhecer-te
Eras parte de meu ser ;
Tenho memoria de ver-te
Antes d'eu mesmo viver!
Nesse infinito distante,
Que nos precede a existencia,
Casto como a innocencia
D'um sonho puro d'infante ,
Lembra-me bem ! Estou certo!
Foram minh'alma e a tua,

Como dois raios de lua,
Nascidos na mesma origem,
Mas que depois dispersados
Fulgem perdidos e sós!
Assim também fomos nós.
Eu d'um barro mais impuro
Recebi a forma rude ;
Mas tu, anjo de virtude,
Conservas inda do céo
O brilho que a luz te deu.

III

Do nosso destino a lei
Nos tornou a unir emfim ;
Eu em ti vivo me achei,
E tu te encontraste em mim!
O teu e o meu coração
Só domina um sentimento ;
O mesmo discernimento
A tua e minha rasão !
Somos um. — A mesma essencia
Em duas lampadas arde ,

Uma não teme da tarde,
Em capella festival
As sombras, que toda é luz!
A outra, a pallida chamma
Em frouxo clarão derrama
Nos braços d'humilde cruz!
Mas o fogo creadôr
É sempre o mesmo : — o amôr !

IV

Em tal amplexo d'ideias
Temos só uma vontade.
Mas... vivemos em cadeias,
Escravos da sociedade!
Entre nós dois se interpôz
Com sorriso d'ironia
A catadura sombria
Do mundo, cruel algoz!
O mundo, pois, nos separa
Eu vivo sem ti... distante!
Já em ancias delirante,
Já de receios afflicto!

Eu leio teu nome escripto
Nos astros, se vejo os céos ;
Se a terra vejo, nas flôres !
Tua imagem m'apparece
Sobre as aguas retratada,
Ou na serena morada
De meu asylo campestre,
Doce visão que adormece
Em santo recolhimento
Até o meu soffrimento !
Tua voz harmoniosa
Ouço-a nos echos da fonte...,
E na brisa voluptuosa,
Que suspira do horizonte
Impregnada d'incenso !
No proprio ar que respiro !
Se penso, sonho ou deliro
Tenho-te sempre na mente,
No sangue de minhas veias...
Dize, pois se não receias,
Após esta confissão,
Que me estale o coração ,
E não tendo já conforto
A teus pés eu caia morto ?

V

Rasguei de minh'alma o véo
Para que lesse bem fundo.
As phrases que tem do céo,
E as amarguras do mundo...
Tens o livro em tua mão ;
Cumprí fiel o teu rogo.
Agora... lança-o ao fogo...
Ou guarda-o no coração !...

EU A VI!

Eu a vi! era n'um baile!
Transformada a noite em dia,
Como n'um Eden celeste,
Voava o tempo-fugia!
Os risos—depois as falas
Se cruzavão—e mil flôres,

Perfumando as vastas salas
Davam á luz mais fulgôres!

E *ella* só era mais bella
Do que todas! Oh! quem ha de
Desenhar-lhe o rosto meigo,
Como o anjo da saudade?
Mas sorrindo de ventura,
Doce, ineffavel, divina,
Como um raio de ternura
D'uma estrella peregrina!

Reina o jubilo—o delirio!
A vida é curta; gozemos!
Gyram as dansas velozes,
Vibram as lyras—cantemos!
Os sonoros instrumentos
No perfumado ambiente
Davam ao prazer alentos!
A's almas a febre ardente!

E *ella*? Se a turba alegre
Nos turbilhões a arrebatá,

Como o sol que apaga os astros,
Dos turbilhões se destaca !
Ella é só — só na belleza,
Nem pode ser competida,
Pois creou-a a natureza
Para um ideal na vida !

Que pizar ! que ufano porte !
De jaspe o seio — e de rosas
A c'roa se lhe entrançava
Entr'as madeixas lustrosas !
Onde estavas, Ticiano ?
Onde, ó Rubens, teu pincel ?
Onde o genio soberano
Que inspirou a Raphael ?

Essas pallidas madonas,
Qu'immortalisa o talento,
São bellas — mas onde o verbo,
Onde está o sentimento,
Que prende as almas ? a essencia
Da paixão que as encadeia
N'uma phrase d'innocencia,
Ou n'um suspiro que aneia ?

Vêde bem ! Que olhar celeste !
Que morbidez — que doçura !
No jaspe do collo, estatua,
No colorido, pintura !
Anjo dos céos exilado,
Mas com toda a magestade
D'um espirito creado
No seio da divindade !

Eu a vi ! era n'um baile !
Transformada a noite em dia,
Como n'um Eden celeste,
Voava o tempo — fugia !
Os risos — depois as falas
Se cruzavão — e mil flôres
Perfumando as vastas salas
Davam á luz mais fulgôres !

N'UM ALBUM.

Neste livro de primôres
Minha mão incerta pouosa ;
Não para deixar-lhe flôres,
Que invejar apenas ousa ;
Mas para uma por uma
Apreciar-lhe o lavôr

Das que já tem enlaçadas
Entre os segredos d'amôr ;
Onde em cifras graciosas
Pôz empenho a phantasia,
Que se escrevessem com rosas
Os hymnos da poesia !

Não fôra profano intento,
Tocar com mão indiscreta,
Nas flôres, que o pensamento
Revestio de luz incerta ?
Minha mão hesita, teme...
Tem medo de macular
A candidez d'açucena,
O calix do nenuphar.
Affeita ás agrestes plantas,
Nas bravas serras colhidas,
Como pode atal-as tantas ,
No jardim do céo nascidas ?

Neste livro, enlevo d'alma ,
Por mimosas mãos traçado,
Das artes se eleva a palma,
Sendo a affectos consagrado!

Mas nem só fala aos sentidos
Em seu risonho matiz ;
O coração também goza
Nos segredos que elle diz,
Sem os revelar com tudo ;
Mas nessa doce incerteza,
Que faz d'um sorriso mudo
Confidencias da belleza !

Aqui depôz a amizade
Mil boninas matizadas,
Já no rouxo da saudade,
Já nas murtas enlaçadas
Como n'um jardim virente
Mimosas mãos vão colher
A camelia, a rosa, o cravo
Para grinaldas tecer ;
Assim neste livro d'ouro
Onde tudo é bello e puro
Tem o passado um thesouro
Para os dias do futuro !

A MORTE DE M^{LL}E CALOGERAS.

Morta já! Meu Deus! Tão bella!
Nessa quadra dos amôres,
Murcha como a capella
De suas pallidas flôres!

As galas da mocidade
Eram hontem seu entono !
É agora da morte o somno
Lá dorme na eternidade !

De joelhos, pois ! Oremos
Por ella com fé christã !
Naquella tumba choremos
Os restos de nossa irmã.
Irmã pela desventura,
Da morte ao rigor sujeita ;
Mas como os anjos perfeita
Na celestial candura !

Alma virgem, que subiste
Ao seio da eterna gloria,
Na terra já não existe
Senão de ti a memoria !
Saudosa recordação,
Doloroso pensamento,
Que n'alma gera o tormento
E o pranto no coração !

Do mundo n'agra devesa
Desfolhou-se o branco lyrio !
Teve a c'roa da belleza,
Teve a palma do martyrio !
Era tal a sympathia,
Que em todos nós exerceu,
Que parece lá dos céos
Inda pedir harmonia !

O raio da intelligencia,
No verdor da juventude,
Brilhava co'a innocencia,
N'aquelle anjo de virtude !
Em quanto saudosos paes
Gemem pela casta filha,
Mais um espirito brilha,
Nas phalanges immortaes !

Dorme em paz ! virgem, repousa
Entr'as sombras do mysterio !
Cubram-te rosas a lousa
Nos ermos do cemiterio ;

E se os mortos, por ventura,
Guardão do mundo a lembrança,
Sorri-nos, anjo d'esp'rança,
Do fundo da sepultura!...

A' IRMÃ D'UM POETA.

No firmamento fúlgido
De teu destino a estrella
Reluz, dardeja, rutila,
E pura, e casta e bella !

Embora as nuvens rabidas
Em seu veloz tropel,
Ou as neblinas algidas
Toldem o azul docel!

Um astro de luz mystica,
De teu futuro o guia,
Ainda por entr'as nevoas
Scintilla e fulge, irradia!

Quem é na mansão candida
Teu anjo tutelar?
Quem vela a chamma vívida
Que luz em teu altar?

E' teu irmão — mais pallido
Um outro mundo habita,
Mas ergue a Deus a súpplia
Por ti, alma bemdita!

Da terra e do céu, idolo,
Tu és, virginea flôr,
Quem prende o mundo ao empyrio
Dictando a lei — o amôr!

Domina pois, ó arbitra,
E soberana, impera,
Bem como em jardim floreo
Louçã a primavera!

A poesia inspira-te,
Qual fez a teu irmão,
A elle na mente esplendida,
A ti no coração!...

É doce ouvir nos bosques gorgeando
O rouxinol saudoso— a rola amante;
É doce ouvir n'um leito de boninas
Desatar-se um ribeiro trepidante...

E' doce ouvir no cimo das montanhas
O rumor da cidade confundido
Na fragrancia das murtas recedentes,
Ou da aragem no tepido gemido!

É doce ouvir os labios adorados
Juramentos firmar com doces beijos ;
É doce ouvir no espaço murmurando
Brandas notas de mysticos harpejos :

Mas é mais doce ouvir, alma inspirada,
De tua meiga voz o som divino
A suspirar nos echos perfumados,
Da noite á solidão cantando um hymno !

A GONDOLA FUNERARIA.

A J. A. DE BARROS JUNIOR.

Ao impulso do remo sobre as aguas
A gondola funerea se desliza ;
E ao pallido clarão da lua triste
As dobras da bandeira agita a briza.

Ao encosto do esquife mortuario
Rezão padres a ultima oração ;
E do finado aos pés ardendo um cirio
Sinistro espalha o lugubre clarão !

As ondas do Adriatico murmurão
Pela esteira de fervida ardentia...
E a gondola do morto voga, voga
Na viagem da tumba e d'agonia.

A negra peregrina se resvala ,
O porto demandando á eternidade
Em duas solidões : a do céu puro
E a do mar em profunda magestade.

Além ficou Veneza ! o mundo e a vida,
O prazer, o rumor, o movimento !
Aqui da noite a paz só quebra apenas
Das aves o piar e o som do vento !

Que terror na mudez d'esta pintura !
Serve o mar de caminho ao cemiterio...
E em frente dos palacios ostentosos
Vai passando o fantasma do mysterio !

Dai passagem, ó aguas sussurrantes,
Ao conductor da ultima jornada :
Mais um vivente abandonou a terra
E busca um leito na mansão do nada.

MUSA FRATERNAL.



A M. ZALUAR.

**Pourquoi traduis-tu donc les vers du Bélisaire,
Toi, poète inspiré, fils du sacré vallon ?
Est-ce pour outrager son deuil et sa misère
Et l'écraser sous ton talon ?**

Non ! non ! je te connais : ton âme de poète
A voulu consoler l'exilé d'ici-bas.
O toi, dont le cœur est bien plus haut que la tête,
Du pèlerin guide les pas !

Son front est aujourd'hui couvert de sombres voiles ;
Fais-lui rêver ici la majesté des cieux !
Lui parler d'amitié, de sourires, d'étoiles,
C'est faire rayonner ses yeux !

JACQUES ARAGO.

AMOR EXTINCTO.

(DO BARÃO VON DE ZEDLITZ).

Consente, oh! deixa que te aperte a mão!
Não m'a retires, não; — já que roubaste
A ventura do amor que me inspiraste,
Consente, oh! deixa que te aperte a mão!

Ainda que por mim já nada sintas,
O meu sonho sequer deixa que affague!
Deixa que a divagar minh' alma scisme,
Ainda que por mim já nada sintas!

Não me roubes este ultimo conforto!
Quando choro no tumulto que encerra
Quanto mais adorava sobre a terra,
Não me roubes este ultimo conforto!

Inda que em minha mão a tua aperte,
Qual em ditosos tempos costumára,
Por um signal d'amor o não tomára,
Inda que em minha mão a tua aperte!

Um aperto de mão é comprimento!
Em tal distancia amor não se alimenta,
Pois só labios unidos o aviventa!
Um aperto de mão é comprimento!

Um aperto de mão não é protesto,
Não é d'eterno amor eterna jura,
E a essa mesma, bem sabes, se perjura!
Um aperto de mão não é protesto!

Por isto, oh! deixa que esta mão te aperte!
O que passou, passou. Não volte, oh! não!
Já que a paz me roubaste ao coração,
Consente ao menos que esta mão te aperte.

A A. E. ZALUAR.

Nas terras de Cabral ovante pisa,
N'uma aureola de gloria a fronte envolta!
Deixaste o velho mundo,
Berço d'heróes, de tradições repleto.

Novas plagas demandas;
Novas inspirações em taças de ouro
Acrisolão teu genio!
O saudoso Mondego, o bello Tejo
Applaudirão teus cantos, teus triumphos!
Nas horas do silencio os teus cantares
As auras e as fragrancias delectavão ;
No boliço do dia
Canoro sribilhou-os cantor plumoso.
Grandiosa missão teus passos guia
No meio da descrença
Que o jornalismo alue, que estanca a vida!
Sauda o *Parahyba*,
Da infeliz Goytacaz vertido pranto!
Contempla o fertil solo
Dos primitivos filhos dos desertos,
A fogo, a ferro, a fome exterminados!
Do mesto noitibó tetrica endeixa
As miserias echoa desta tribus!
Aqui, no novo mundo,
Disputão supremacia as maravilhas.
A' sombra das mangueiras,
Ao ciciar d'aragem matutina,
Ao gorgear das aves,

A' nitidez do azul do céu brasileiro,
Mais louros colhe, symbolisa a gloria!
Viajor dos desertos do passado,
E teu oasis o futuro inteiro!

Obreiro do progresso,
Teu caminho caminha de conquistas,
Que é força o genio, movimento a vida.
E quando, de tropheus vergado ao peso,
Cansado de lutar, lutando sempre,
Saudares teu destino,
Ah! dorme em teu poisal, somno sem sonhos,
E torna a despertar... e luta ainda...

A posteridade é tua!

Campos, outubro de 1858.

J. P. R. SAMPAIO.

RESPOSTA.

Inspirado cantor, os verdes louros
Com que cingir-me ovante procuraste,
Não foi á minha frente—á tua gloria
Tu proprio os enramaste!

Mal cabião a nome tão humilde
Esses do genio divinaes tropheus!
Mas tu douras-me as palmas do martyrio
A' luz dos cantos teus!

Agradeço-te os votos generosos,
Obscuro, seguindo no meu trilho ;
Pois só do berço á campa vejo trevas.
És tu quem vês o brilho!

Pois inda não baixaste, como eu vivo,
Retalhado de dôr e d'amargura,
Na mortalha do frio desengano,
Inteiro á sepultura!

O anjo d'harmonia os seus thesouros
N'um caminho de luz abre a teus passos ;
Prendem-te ao mundo as illusões douradas,
Ao céo do amor os laços!

Canta e triumpho.—Eu vivo entre ruinas.
Soldado nas phalanges do trabalho,
O som da minha voz resoa e morre,
Qual na bigorna o malho!

Bem vejo os meus irmãos cahir na luta
Dos obreiros audazes do porvir!
Mas não descanso, até que ao lado delles
Eu vá tambem dormir.

Não sonho a gloria.—Lido nas fileiras
Dos que soffrem—que pedem luz e pão;
Como ha de pois egoista comprehender-nos
A nossa geração?

No tripudio das praças não tem curso
Da virtude a moeda! O ouro impera;
Tigre que lambe os pés aos poderosos,
E aos pobres dilacera.

A razão e o direito succumbirão!
A lei torna um sophisma a liberdade!
A ignorancia dá timbres de nobreza,
Poder a iniquidade!

A cubiça dos homens não aceita
Os credits que funda a intelligencia!
A fortuna sorri-se desdenhosa
Aos fóros da sciencia!

Que nos resta?—Captivos sem resgate
D'uma tribu dispersa! Os oppressores
Forão nossós irmãos, mas querem dar-se
Agora por senhores!

Perdoar-lhes. Ter fé. Morrer na luta.
O vencido tambem é vencedor!
As ideias germinão dos sepulcros,
Da terra brota a flor!

PEPITA.

(IMITAÇÃO).

Pepa, quando desce a noite,
Depois do materno adeos,
E despida junto ao leito
Os olhos ergues aos céos ;

Nessa hora em que alma inquieta
Da noite ao somno se entrega,
Quando teu cabello soltas,
Teu vestido se desprega;

Quando em torno a ti repousa
Tudo em somno bemfeitor,
Pepita, minha adorada,
Em que pensas, meu amor?

Oh! quem sabe? talvez scismes
Com romantica saudade,
Em tudo que alenta a crença
E desmente a realidade;

Talvez nas grandes montanhas
Donde sahem... sons perdidos,
Ou nos castellos de cartas,
Em confeitos ou maridos...

Talvez nos ternos segredos
D'outra alma tão delicada;
Talvez no baile ou nas flores;
Talvez em mim... ou em nada.

O PRISIONEIRO.

(TRADUCCÃO).

« Vôa, gentil andorinha,
Em torno da prisão minha,
Negra morada ;
Amo ver-te esvoaçando,

E pelas grades roçando •
Equilibrada!

« Ligeira, no ar perdida,
'Toda de branco vestida,
No brando enleio
Da briza, que doce afaga;
Como as espumas da vaga,
Teu branco seio!

« Donde vens? Oh! quem te envia
Trazer a pura alegria
Ao condemnado?
Vens acaso tu da serra,
Lembrar-me da minha terra,
Do berço amado?

« Da patria, da patria amante
Tão cara, porém distante
Do prisioneiro?
Anjo d'azas luminosas,
Conta-me as novas saudosas
Do lar fagueiro!

« Diz-me se inda existe agora
Aquelle bosque onde a Aurora ,
 Filha do céo,
Se mira no branco orvalho
Que nos ramos do carvalho
 Adormeceo !

« Oh ! dize se por ventura
É inda fresca a verdura
 Do prado em flor;
E se do fundo da gruta
Ainda o clarim s'escuta
 Do caçador !

« Ou se a sombra vaporosa
D'alguma mulher formosa,
 Pallida e fria ,
Vem inda orar na capella
Quando sôa em tarde bella
 A *Ave Maria* !

« Oh ! dize se nesta vida
Nossa esp'rança perdida

Se torna a achar ;
Se no alto da collina
Vê-se a rosa peregrina
Desabrochar ;

« Se aquella que est' alma adora
Ainda me aguarda e chora !
Mas, andorinha ,
Não digas o nome d'ella,
E se o disseres — cautela !
O avesinha !

« Pois é mysterio sagrado :
Não póde ser profanado ,
É como o Eterno,
O nome que se murmura
Nos labios da virgem pura
N'um beijo terno !

« Gottejão nuvens pesadas ;
Soprão do vento as rajadas
Pela prisão,
Innocente! dou-te abrigo,

Neste carcere comigo
Não gemas, não !

« Porém voas-te ; fugiste
É falso tudo que existe,
Louca vaidade !
Digna d'inveja na vida
É somente e appetecida
A liberdade ! »

O DESERTO.

(VERTIDO DE ZEDLITZ).

**Vai habitar no fundo dos desertos
Se a ventura d'amor encontrar queres ;
Onde vareda os passos não conduza ;
Pois abrigo dos homens nunca esperes.**

Escolhe por estancia uma caverna
De rochedos inhospitos formada.
Queres salvar teu céo? Busca as gargantas
Das rochas solitarias por morada!

E sirva-te de guarda o tigre hyrcano,
Prompto a quem se approxime devorar.
Aquelles, não te esqueça! — que salvares,
São os mesmos que te hão de assassinar!

É que os homens não podem ver sem odio
Que dois peitos se estreitem venturosos;
A presença d'alheia felicidade
Torna-os perversos, fal-os invejosos!

Por isso esconde a todos teu thesouro,
E busca entr' os rochedos um abrigo;
Menos teme das garràs d'uma fera
Que dos braços do teu melhor amigo.

CANTO DA CEGA.

(TRADUCÇÃO).

I

Sou a cega, desditosa ,
Que o mundo percorre em vão ;
Tenho fome, brado anciosa ,
Lacrimosa — á compaixão !

IL CANTO DELLA CIECA.

I

Son la cieca che esulando
Per il mondo se ne va ;
Non ho pane ; e lo dòmando
Lagrimando—alla pietà !

Era ainda pequenina
Quando minha mãe morreo ;
Fiquei só! Que fatal sina
Tão menina — o céu me deo !

Ninguem os meus passos guia ,
E ninguem m'estende a mão.
É cruel a fidalguia ,
Que podia — dar-me o pão.

Um rico em tecto dourado
A vergonha me offertou.
O meu seio abençoado
Tal peccado — abominou.

Não tenho o pão que alimenta ,
Nem roupa de me vestir ;
Sobre a minha face lenta
A tormenta — vai cahir !

Sinto o ar que me arripia,
No meu corpo a chuva cahe ;
É de fome esta agonia
Negra e fria — um pão me dáe !

Era ancora piccolina
E la madre mia morì;
Sono sola, poverina!
La mattina—de' miei dì.

Niun mi guida per la via;
Niuno colma la mia man;
E crudel la signoria
Che potria—darmi il pan.

Un uom ricco nel suo tetto
La vergogna mi offerì...
Il mio cor fu benedetto
Il suo detto—non udì.

Non ho pane, non ho vesta
La mia carne a ricovrar;
Sulla mia ignuda testa
La tempesta—può piombar.

Sento l'aria che m'agghiaccia;
Sento l'acqua sul mio sen;
Ho la fame che mi straccia.
Chi mi caccia—un tozzo almen?

Rebrama a procella e cresce.

Ai ! onde me acolherei ?

Escutai a minha prece :

Se anoitece — morrerei !

Acolhei a malfadada

Sem ter pão e sem amor ;

Dai abrigo á desgraçada

Desterrada — pela dôr !

Sou a cega, desditosa,

Que o mundo percorre em vão :

Tenho fome, brado anciosa,

Lacrimosa — á compaixão !

II

Teu quinhão de balde imploras,

Quer do festino, quer do amor.

Que importa ao rico se choras

E deploras — tua dôr ?

La procella fia severa
Ed asilo ancor non ho...
Ah! sentite la preghiera
Questa sera—morirò!

Accogliete la meschina
Senza pane e senza amor;
Date asilo alla tapina
Pellegrina—del dolor.

Son la cieca che esulando
Per il mondo se ne va :
Non ho pane ; e lo domando
Lagrimando—alla pietà .

II

Cerchi indarno la tua dote
Della mensa e dell' amor ;
Perchè'l ricco non si scuote
Colle note—del dolor.

Cerra o labio ao rogo insano;
Pois o pão da caridade,
Arrancou-o o orgulho humano,
Qual tyranno — á piedade!

Chiudi il labbro al guajo vano
Chè nessun t'ascolterà;
Strappò'l pan l'orgoglio umano
Dalla mano—di pietà.

A. GALLEANO RAVARA.

DIE BLUMEN.

(VON HEINRICH HEINE).

Und wüssten's die Blumen, die kleinen
Wie tief verwundet mein Herz,
Sie würden mit mir weinen
Und heilen meinen Schmerz.

AS FLORINHAS.

(DE HENRIQUE HEINE).

As florinhas, se soubessem
A dôr de meu coração,
Havião chorar comigo,
Mitigar minh' afflicção !

Und wüssten's die Nachtigallen
Wie ich so traurig und krank,
Sie liessen fröhlich erschallen
Erquickenden Gesang.

Und wüssten sie mein Wehe
Die gold'nen Sternelein,
Sie kämen aus ihrer Höhe
Und sprächen Trost mir ein.

Die alle können's nicht wissen,
Nur Eine kennt meinen Schmerz :
Sie hat ja selbst zerrissen,
Zerrissen mir das Herz !

Se os rouxinóes conhecessem
Como estou tão magoado,
Logo em cantos d'alegria
Trocarião seu trinado !

Se as estrelinhas douradas
Compreendessem meu pezar,
Talvez que dos céos descessem
Para esta alma consolar !

Mas nenhum destes o sabe :
Tem só uma este condão;
Mas essa propria rasgou-me,
Rasgou-me o meu coração !

TREPADEIRAS.

(DE LAMARTINE).

Por entr'a seara, ao sol posto,
A donzella me colheo,
E minha candida estrella
Em seus cabellos predeo ;

Florinha que o prado gera ,
Ali medrei, como a hera
Que na dahlia se enlaçou.
Em sua fronte sorria !
Depois cahi murcha e fria....
E ella me abandonou !

Mas de manhã, por acaso,
Um caminhante me vio ;
Olhou-me n' um doce enlevo,
Tristemente me sorrio.
— Vem, me diz, flor do deserto !
Na minh' alma um templo aberto
Encontras ; achas emfim,
Junto ao meu affecto santo,
O teu orvalho em meu pranto,
Em meu peito o teu jardim.

Desde então na messe occulta
Enrolo-me ás outras flores ;
Abrigo-lh'as hastes bellas ;
Animo-lh'as vivas côres ;
Cortão-me alegres ceifeiras
Por entr'as grammas rasteiras

Para as frentes adornar...

Nasço pallida, abatida...

Uma manhã me dá vida,

Um pé me póde esmagar....

ESTRELLAS ERRANTES.

(DE JACQUES ARAGO).

**Tu que nos espaços corres
Como um triste ultimo adeos,
Tu que brilhas e te esvais
A' doce aragem dos céos,**

Es a chamma generosa
Que nossos peitos agita ,
Ou a meiga companheira
De nossas magoas afflicta ?

Luz dos olhos és do archanjo
Que as tempestades domina?
Ou és dos anjos do Eterno
Solitaria peregrina ?
Vens-tu da terra adorada
Que veloz raio abalou,
Ou vens do seio da patria
Que a desdita nos roubou ?

De minha mãe extremosa,
Que já para o céo' volveu ,
Serás a senda brilhante
Do seu amor para o meu ?
Serás-tu quem os meus sonhos
Vem d'esp'rança bafejar,
O anjo que me desperta
Risonho ao meu acordar ?

Não! Esse fogo sinistro,
Que o meu pensamento esmaga,
É uma luz do sepulcro,
Que em minha campa se apaga!
Oremos, quando elle espalha
Em torno terror assim!
É vaticinio de morte,
Oremos, orai por mim!

DESANIMO.

(OFFERECIDA AO AUTOR).

To die, to sleep.

SHAKSPEARE.

Nem um astro de luz ao longe brilha
A meus olhos na densa escuridão ;
Na dubia estrada que minh'alma trilha
Corre da morte o glacial tufão.

Sombra cansada no soffrer perdida,
Eu vou em busca de um sereno abrigo :
Gastei meus prantos ; mas, deixando a vida,
Sei que meus males dormirão comigo.

Sei que esta idéa que me abrasa a mente ,
Que minhas noites de amargor tempera,
Se apagará na quietação algente
Da fria louza que meu corpo espera.

Fallaz miragem, enganadora luz ,
Que á noite vagas do viver nos ermos ;
Falsa esperança que o mortal conduz
Do desengano ás solidões sem termos ;

Para onde foste com teus loucos sonhos ,
Fataes chimeras com que a vida enlevas ,
E me abandonas em paúes medonhos ,
Gelado e nu, a tiritar nas trevas?

Morrer!... no seio rebentar de todo ,
Sentir da vida o complicado nó
Gelar-se aos poucos; repousar no lodo ,
E em breve tempo desfazer-se em pó !

Morrer!... um mundo conhecido, embora
Amargo e negro, abandonar sem medo
Por uma noite que não tem aurora,
Por um deserto pavoroso e tredo!...

Morrer!... já rota abandonar á sorte
A veste escura de uma vida eivada!
E nu ao dorso do corcel da morte
Vertiginoso galopar ao nada!...

Oh! se eu ao menos encontrar pudesse
Nas cinzas frias de meu peito morto
Tenue centelha, que soprando erguesse,
E a meu tormento dêsse algum conforto!...

Se nos desertos que buscou-me a dor,
Mares de pranto que minh'alma chora
Brotar fizessem solitaria flor,
Fria, pendida, definhada embora!...

Vejamos pois... a pesquisar talvez
Cabana encontre na soidão deixada,
Onde me aqueça da cruel friez,
Onde repouse da feral jornada.

Vejamos pois.... a Poesia é bella,
Da musa o reino grandioso e santo,
O céo e os astros se alimentão della,
E a voz dos anjos não é mais 'que um canto.

Eia cantemos..... Maldição do inferno !...
A pobre musa se cobrio de pó !
E o rijo sopro de gelado inverno
As doces cordas rebentou sem dó !

Na luta infrene meu engenho ardente
Cobrio-se aos poucos de pezado véo,
Como o diamante na caudal torrente,
Como a estrellinha no turvado céo.

Oh ! se eu ao menos encontrar pudesse
Nos tristes ermos deste ingrato mundo
Formosa imagem, que minh'alma erguesse
A's santas aras de um amor profundo !...

Mas ai! refugios eu procuro em vão !
Coração de mulher é como um lago :
Recebe as todas impressões que dão,
Mas nenhuma conserva; é sempre vago !

Fallaz miragem, enganadora luz,
Que á noite vagas do viver nos ermos;
Falsa esperança que o mortal conduz
Do desengano ás solidões sem termos;

Para onde foste com teus loucos sonhos,
Fataes chimeras com que a vida enlevas,
E me abandonas em paúes medonhos,
Meu pobre leito mendigando ás trevas?

Oh!... Esta idéa que me rói na mente,
Que minhas noites de amargor tempera,
Só terá fim na quietação algente
Da fria louza que meu corpo espera!...

S. Paulo, 1861.

LUIZ FAGUNDES VARELLA.

AL PASAR.

(OFFERECIDO AO AUTOR).

Sola en el campo, en la arruinada ermita,
A la trémula sombra de un almez,
Hermosa como Ruth la Moabita,
Recuerdo que la ví la última vez.

Vestia un traje campesino, saya
Corta listada, un delantal
Adornado con cintas, de anafaya,
Y una toca plegada, de percal.

¡ En pocos años qué mudanza ! apenas
Si pude conocerla ¡ era una flor !
Diera envidia á las blancas azucenas
Y en lo esbelta al palmero cimbrador.

Tenia la cintura como un mimbre
Flexible y fina, el rostro angelical ;
Su voz, su dulce voz era de un timbre
Mas suave que el canto del turpial.

¡ Y sus ojos turquíes ! la brillaban
Con tan profundo y blando resplandor,
Que al parecer serenos reflejaban
Del cielo azul el nítido color.

¡ Cuántas veces, de niña, las ramillas
Para el fuego juntando la encontré,
Y cuántas en las mieses amarillas
Sus cabellos de oro acaricié !

Al volverse hácia atrás y dar conmigo
No atinó á recordarme, se turbó ;
Mas luego que la hablé mi acento amigo
Sus recuerdos de infancia despertó.

— « ¡ Cómo, sois vos! me dijo conmovida,
« ¡ Vos aquí en la comarca!... ¿ la salud
« Sentis de nuevo acaso enflaquecida
« Y en procura volveis de aire y quietud? »

— « Nô, Blanca, á otro pais voy de camino ,
« No cual en otro tiempo vuelvo aquí
« Enfermo y fatigado peregrino,
« En busca de la calma que perdí.

« Y bien lo siento á fé!... ah! quien me diera
« Habitar otra vez el romeral,
« Perderme entre la viña, en la pradera ,
« Beber el agua vírjen del raudal!

No era ese el deseo caprichoso
Del que aspira á una efímera merced ;
De olvido, de silencio, de reposo,
Sentia el alma la profunda sed.

Pregunté luego á la aldeana bella
Por su padre, que un dia me acojió
Bajo su techo hospitalario, y ella
Contestó suspirando — ya murió!

— ¡Murió! ¿cuándo murió?— «Cumplirá un año
« Cuando empiecen las uvas á pintar,
« Dios alejó al pastor de su rebaño,
« Ah! si viérais, desierto está el hogar!

Yo estimaba á aquel hombre, franco, honrado,
De corazon injénuo, sin doblez,
Allá en su juventud bravo soldado,
Vaquero y labrador en su vejez.

— ¿De qué murió? la dije. — « Estaba fuerte
« Como el tronco que veis de ese abenuz,
« Un dia entre la mies le halló la muerte
« En el sitio que marca aquella cruz. »

— « ¿Y os dejó alguna hacienda? »— « Lo bastante
« Para vivir, la casa y mas aquel
« Molino que se vé blanquear distante,
« Los bueyes, el sembrado y el verjel. »

— «Pobre! ¿y tu madre?»—«Llora el dia entero,
« Si quereis verla os llevaré, venid,
« Está allá abajo al canto del otero,
« A la sombra tejiendo de la vid. »

— « Es tarde ya, la contesté y aun queda
« Léjos la aldea adonde voy, á mas
« Temo aflijirla, el cielo la conceda
« El consuelo á sus penas, la dirás. »

— « Mas al ménos, repuso, los colores
« Animándola el rostro, aceptaréis,
« Del jardin de mi padre algunas flores
« Plantadas por su mano, ¿os negaréis? »

¡ Y cómo resistir su voz tan pura,
Aquel dulce mirar, tanto candor!
Seguía pues, dejando mi montura
Atada al tronco de un almendro en flor.

Al punto en que á estrecharse el valle empieza
Hallábase la casa, al pié el jardin,
Donde entre ásperos brezos y maleza
Se enredaba á los mirtos el jazmin.

Ya en su recinto, Blanca, mas lijera
Que una corza, con gracioso afan
A esas flores juntó la enredadera,
La silvestre violeta al arrayan.

Hizome un ramillete, sonrojada
Con infantil sonrisa me le dió ;
Luego por una senda sombreada
Del arroyo á la márjen me llevó.

Sentámonos allí de la corriente
Al grato son ; el céfiro fugaz
Murmuraba en los sauces ; blandamente
Gemia en la hojarasca la torcaz.

Fué en aquel sitio y hajo de aquel cielo
Que en esa alma limpia pude lér
La vaga agitacion, el tierno anhelo,
Que despierta el amor en la mujer.

Como de miel dorada rebosante
De las vivas abejas el panal,
Derramaba su aroma refrescante
La flor de su inocencia virjinal.

— « Quisiera ir adonde vais, quisiera
« Conocer otras tierras, exclamó ;
« Vino aquí vez pasada una extranjera,
« ¡ Oh cuántas maravillas me contó !

Sombras de sueños vagos, el reflejo
De una esperanza indefinida ví
Sobre su frente, cristalino espejo
De un pensamiento ardiente y baladí.

— « Blanca, la dije al levantarme, habita
« Aquí la paz, consérvate fiel
« Al hogar de tus padres, y bendita
« Corra tu vida y venturosa en él. »

, — « ¡ No volveréis ? » — « ¡ Quién sabe ! voy muy lejos...
« ¡ A Dios ! cuida á tu madre, que el amor
« De los hijos la savia es de los viejos,
« De la vida que muere último albor. »

A tomar mi montura juntos fuimos...
Lo que por mí pasó decir no sé
Cuando una y otra vez nos despedimos
Y que en la casta frente la besé.

Alejéme al galope y ya distante
La vista volví atrás, estaba allí,
Su vestido de listas ondulante
A través del follaje distinguí.

Aquel fresco recuerdo de otros días,
Su imájen, que jamas podré olvidar,
Se mezclan á esas vagas armonías,
Que la vida acarician al pasar.

Buenos Aires.

D. CARLOS GUIDO Y SPANA.

A SERRA DE PARANAPIACABA.

(OFFERECIDO AO AUTOR).

Subio a escabrosissima serra de Paranapiacaba... Encurva-se n'esta paragem a mencionada terra firme, composta de serras altissimas, com a figura de arco imperfeito, e comprehende no seu semi-circulo as ilhas e lagamar.

(*Fret Gaspar da Madre de Deos, « Memorias para a historia da capitania de S. Vicente, » § 114*).

Dorme, repousa em teu somno,
Da força assombroso emblema,
Que tens o Oceano por throno
E as nuvens por diadema!

Immovel, silenciosa,
Ergues a fronte orgulhosa
Ao solio da tempestade;
E os preludios da tormenta
Vais ouvir, de medo isenta,
Do espaço na immensidade.

Salve! soberbo gigante,
Altivo titão do mar,
Que a teus pés triste descante
Ouves a vaga entoar!
E em teu manto de esmeraldas
Envolves as vastas faldas
E as empinadas cimeiras;
E a briza te agita os cachos,
E os verdejantes pennachos
Da coròa das palmeiras!

Teus troncos, gravados do sello do tempo,
Agitão aos ventos as soltas madeixas;
Quaes harpas eolias, sussurrão nos ares
Canções magoadas, sentidas endeixas.

E's berço do raio ! Sublime harmonia
Entò em teu seio o trom dos trovões,
E os echos ao longe repetem em còro
A orchestra tremenda de roucos tufões.

Do raio ao ribombo horrendo,
E ao som do trovão que estruge,
De pavor estremecendo,
A feroz panthera rugé.
Une-se á orchestra assombrosa
Uma nota sonora
Que do fundo abysmo sahe...
E' o som da cataracta,
Que em alvos flocos de prata
N'um leito de pedras cahe.

Que magestade sublime !
Que pomposa poesia !
Jehovah seu dedo imprime
N'este quadro de magia.
Esta cascata da serra
Parece um hymno que a terra

Esponanea aos céos eleva.
Então nossa alma se humilha,
E ao ver esta maravilha,
Na gloria de Deos se enleva!...

Occultas nas veias, ô serra fragosa,
De ouro e de gemmas thesouro infinito.
Retalhão teu solo torrentes sem conto,
Que nascem das urnas de rijo granito.

Povoão-te as selvas e negras gargantas
Innumeras feras e enormes reptis;
Ahi cantão aves que as côres do iris
Desdobrão nas azas de vario matiz.

Horriveis despenhadeiros,
Profundos, vertiginosos,
São os degraos altaneiros
De teus tergos magestosos.

A's vezes de horrendo tombo
Se escuta o surdo ribombo
Que ao longe resôa a espaços...
E' despegado rochedo,
Que ao erriçado fraguado
Se vai fazendo em pedaços.

Além, que plaino azulado
Se prende no azul dos céos!
E' o mar, que encapellado
Ergue os moveis escarcéos!
Então a vista desmaia
No espaço que além se espraia
A perder-se no infinito :
E esse immenso panorama
Do Eterno o nome proclama
Na face da terra escripto.

Descenhão-se ás vezes, arfando nas ondas,
As velas de um barco da briza enfumadas;
Qual alva gaivota que a flor do Oceano
Brincando desflora com as azas nevadas.

Dos topes aereos, estreitos e golphos
Semelhão regatos talhando as campinas ;
Quaes pontos esparsos desdobrão-se aos olhos
As casas e torres, ilheos e collinas.

De teu pico o sol dourado
Se balança a fulgurar ;
E o seu clarão desmaiado
Verte a lua sobre o mar.
Outro céu de anil scintilla
Na superficie tranquilla
D'esse espelho tremulante ;
E em baixo a vaga chorosa
Beija a areia preguiçosa ,
Morrendo em flor alvejante.

Quem sabe se o cataclysmo
Que punio a humanidade
Não te fez surgir do abysmo
Das ondas na immensidade ?
Quem sabe, fragosa serra,
Se és coetanea da terra

E do berço oriental?
Quem sabe de quanta vida
Tu foste a extrema guarida
No diluvio universal?

Plantou-te nos mares o braço divino,
Ingente montanha, barreira das ondas.
Quem déra perder-me contigo nas nuvens,
Tambem devassando mysterios que sondas!

Prodigios que encerras, são cordes sonoras
D'uma harpa sublime de maga harmonia,
Que os hymnos que exala, perenne descantão
A gloria do Eterno de noite e de dia.

D^r JOÃO CARDOZO DE MENEZES E SOUZA.

NINGUEM!

FR. JORGE.

Romeiro,romeiro, quem és-tu

ROMEIRO.

Ninguem!

GARRETT. — FR. LUIZ DE SOUZA.

Quem sou eu? Fantasma errante
Em solitario penar!
Vaga sombra, vacillante,
Que apparece n'um instante
Para nunca mais voltar!

NESSUNO!

FRA GIORGIO.

Pellegrino, pellegrino, chi sei tu ?

IL PELLEGRINO.

Nessuno !

GARRETT. — FR.-LUIZ DE SOUZA.

Chi son io? — Fantasma errante
Nella landa del dolor!
Ombra vaga, vacillante,
Che apparisce in un instante
E per sempre, fugge e muor!

Sou uma folha que o vento
Sobre o chão amarellece ;
Uma luz no pensamento,
Que brilha por um momento
E n'outro desaparece!

Sou um poeta que choro
Entre o sepulcro e a cruz!
Que meus tormentos devoro,
E de joelhos imploro
Aurora d'ignota luz!

Viajante triste, incerto,
Longe da patria e dos lares,
Perdido neste deserto
Chamado mundo e aberto
A seus lubricos cantares!

Homem de fronte abatida,
Sem alento e sem esp'rança!
Descrendo da propria vida
Como sombra perseguida
N'um brinquedo de criança!

Son la fronda ch'è dal vento
Sul terreno inaridita;
Lampo son del pensamento
Che scintilla, in un momento,
E nell'altro non ha vita.

Son poeta e soffro e ploro
Fra la croce e fra l'avello;
Le mie lagrime divoro,
E prostrato invano imploro
L'alba ancor d'un dì novello!

Viatore triste, incerto,
Lunge vo' da patrii tetti,
E del mondo nel deserto
Esulando, odo il concerto
De' suoi canti maledetti!

Colla fronte disparita,
Senza speme ed anelante
Dubitando di mia vita
Quasi d'ombra perseguita
Ne' trastulli d'un infante!

Alma cortada ás torturas
De loucas frageis paixões !
N'um pego de desventuras
Vendo hoje magoas escuras
No que erão d'antes visões !

Um sonhador do passado
Sem existir no presente,
Lendo n'um livro rasgado
Tanto sonho desejado
E perdido de repente !

Sou um quebrado instrumento
Que perdeu toda a harmonia ;
Ruina d'um monumento
A quem o tufão cruento
Rouba uma flor cada dia !

Sou a relva dos finados
Que pisa um pé distrahido,
Quando os cedros elevados
E os salgueiros debruçados
Soltão lugubre gemido !

Alma infranta di torture
Di fuggevoli passioni
In un mare di sventure
Del dolor sotto la scure
Realizzando le visioni ;

E sognando nel passato,
Non vivendo nel presente
In un libro lacerato
Leggo il sogno desiato
E perduto di repente.

Sono inutile strumento
Che non desta le armonie ,
Resto son d'un monumento
A cui fura iroso il vento
Un fiore ad ogni die !

Son la gleba dei passati
Che calpesta un piede incerto
Quando i cedri sublimati
Ed i salici inclinati
Stan piangendo nel deserto.

Sou uma vaga desfeita ,
Uma praia sem abrigo ,
Uma planta que se engeita,
Alma pela dor sujeita
A concentrar-se comsigo !

Que busco ? que mundo habito ?
Quem eu sou ? Que importa quem !
Sou um trovador proscripto,
Que trago na fronte escripto
Esta palavra — NINGUEM !

L'onda sono che si frange!
Sono inospite terreno,
Sono il fior che non si tange,
Sono l'anima che piange
Concentrata e chiusa in seno...

Ahi! che cerco!... me tapino!
Dove vivo?— sono alcuno?
Sono il vate pellegrino;
Porto in fronte il mio destino,
Ei vi scrisse : Sei... NESSUNO!

A. GALLEANO RAVARA.

HARPA BRASILEIRA.

A FLOR DO MATO.



Em selvatica deveza,
Que eterno mato envolveo
No seio da natureza,
Nasceo a flor da belleza
D'uma lagrima do céo!

No mato! n'aquelle incerto
Oceano de verdura,
Triste, profundo e deserto,
Onde amor vela encoberto
Nas sombras da espessura;

Lá medrou a flor, o brio
Das galas da criação!
Ali primeiro sentio
O desejo — ali sorriso
Aos beijos da viração!

Mas que pallidez saudosa
Lhe tingia a dubia côr!...
Não era bem como a rosa :
Tinha uma luz duvidosa
Em torno de si, a flor!

As aves, essas brilhantes
Vivas centelhas de lume,
Vinhão como delirantes
Beber gottas palpitantes
De seu nectareo perfume.

Atravez os ramos densos,
Que toldavão as florestas
D'aquelles bosques immensos,
Vião-se os astros suspensos
Adorar a flor modesta.

Porém a triste soffria
D'occulto mal devorada;
Desce a noite — aclara o dia,
E a mesma melancolia
Lhe traz a côr demudada!

« Não basta para uma vida,
Não contente uma existencia
Cheia d' affecto! Aquecida
Por este sol! Embebida
Nos raios da pura essencia!

« Vem! oh! vem! segue os meus passos...
Vem! partilha a minha sorte!
A cadeia de meus braços
Estreite o vinculo — os laços
Que nos prenda além da morte!

— « Flor do mato ! ai ! tu não amas ! »
Eu lhe disse ; « gentil flor !
Por isso louca t'inflamas
No fogo das proprias chammas.
Ah ! que não sentes amor !

« Viver do mundo isolada,
Solitaria nestas brenhas,
Sem ser de ninguem amada,
Só das aves requestada
E das auras das montanhas ;

« Troca a grinalda singela
De teu viver obscuro,
Brilhar de pallida estrella ,
Pela corôa mais bella
Que te prepara o futuro ! »

A flor em debil aneio
Suspirou ; pendeo a frente ;

Arfava-lhe o niveo seio ,
E ficou n'um doce enleio
A tremer, pobre innocente!

Salvou-a o pudor celeste
De minha mão temeraria!
Tornei-lhe : — « Do céo desceste ,
Para o mundo não nasceste ;
Volve ao céo, flor solitaria ! »

A CASINHA DE SAPÉ.

No cimo d'um morro agreste,
Por entre uns bosques sombrios,
Onde conduz uma senda
D'emmaranhados desvios,
Uma casinha se vê
Toda feita de sapé!

Suave estancia! Parece
Circumdada de verdura,
Como um templo recatado
No seio da espessura;
N'aquelles ermos tão sós
Não chega do mundo a voz!

Apenas uma torrente,
Que brota lá dos rochedos,
Murmura galgando as penhas,
Suspira entre os arvoredos!
Tem ali a natureza
A primitiva belleza!

Lá distante... inda se escuta
Ao longe o bramir do mar!
Ouvem-se as vagas frementes
Nos alcantis rebentar!
Aquelle eterno lamento
Chora nas azas do vento!

Mas na casinha, abrigada
Pelas ramas das mangueiras,

Protegida pela sombra
Dos leques das bananeiras,
Aquelle triste clamor
E' como um gemer d'amor !

Eu e Julia nos perdêmos
Na senda, uma vez, do monte ;
Ao sol posto — cor de lirio
Era a barra do horizonte ;
Toda a terra se cobria
D'um véo de melancolia !

O meu braço segurava
O seu corpo já rendido
A's emoções, ao cansaço,
Como que desfallecido.
Seus olhos com que doçura
Se banhavão de ternura !

Parámos no tosco asylo
Da montanha verdejante.
Era deserto ! Não tinha
A ninguem por habitante !

Só no lar abandonadas
Algumas pedras tismadas !

O tempo musgosas fendas
Na parede tinha aberto.
Não poupa nem entr'as matas
A morada do deserto !
Por onde passa — bem vês !
Só ruínas deixa aos pés...

— « Entremos, Julia, lhe disse,
Na tenda desamparada.
Quem sabe onde o peregrino
Foi buscar outra morada ?
Quem sabe onde naufragou
Quem a barca abandonou ?

« Sirva este albergue um instante
Para nós também d'abrigo ;
É tão doce achar na vida
A sombra d'um tecto amigo !..
Santo perfume do lar,
Ai ! quem te não ha de amar ? ... »

Foi ali, Julia, nessa hora ,
Que um juramento me déste
D'eterno amor! Mas, ai! triste!
De tanto amor que fizeste?
Hoje talvez nem memoria
Conserve de nossa historia!...

Tu quebraste o laço d'ouro
De meu futuro — quebraste!
Quem sabe se nem te lembra .
De quem n'outro tempo amaste?..
Se me tornasses a ver,
Não me havias conhecer !

Ao menos... se um dia acaso
Estes sitios avistares,
Guarda segredo, não digas
Que existe nestes lugares
E abandonada se vê
A asinha de sapé!..

O OURO.

Quem foi, Justiça, o tyranno
Que tuas leis inverteo,
E manchou de puro sangue
A candidez de teu véo?

Quem foi que na concha exacta
Da inexoravel balança,
Em vez do peso do crime ,
Pôz o punhal da vingança ?

Quem foi que deo á torpeza
Honras, palacios, arminhos,
E na frente da virtude
Pôz uma c'ròa d'espinhos ?

Quem deo ao rude ignorante
Fóros de grave razão,
Cobrindo a gralha orgulhosa
Com as pennas do pavão ?

Quem ao histrião inepto
Veste as insignias do mando,
Emquanto o sabio perece
Atroz cicuta libando ?

Quem a donzella innocente ,
Anjo d'amor e de vida,
Arrasta, monstro disforme,
No vicio prostituida ?

Quem a lascivia fomenta,
O crime ignaro, a traição,
Filtrando na sociedade
O sangue da corrupção ?

Quem ao mesquinho usurario,
Degradando a natureza,
Converte em gozos infrenes
Os gemidos da pobreza ?

Quem ao torpe magistrado
Faz do dever inimigo,
Dando ao crime a impunidade
E á innocencia o castigo ?

Quem á viuva indigente
Que, faminta, a dôr retalha,
Deixa por escolha a infamia,
Ou por alvitre a mortalha ?

Quem as phrases mercenarias
Do venal legislador
Compra, sem que se lhe offenda
Da consciencia o pudor ?

Quem do talento moteja,
Da probidade escarnece,
A quanto é nobre deprime,
A quanto é vil engrandece?

Ouro, és tu ! Mas se arrancado
Do seio foste da terra
Para ser penhor fraterno,
E não um preito de guerra ;

Oh ! cumpre a missão primeira
Que te deo a divindade :
Dá tua força á virtude,
Teu brilho presta á verdade !...

O FILHO DAS FLORESTAS.

Um sabiá, negro todo,
Mais negra a noite não é!
O ninho seu fabricára
Por entre uns ramos d'ipé.

Dentro das matas espessas,
Onde ninguem penetrava,
O ditoso passarinho
Era feliz — e cantava !...

Seus desejos limitados
Tinhão só uma ambição :
Amar sua companheira !
Ver o céo na solidão !

Um raio de luz — um astro
No ether brilhando — um hymno
Da fresca briza — erão cantos
De seu poema divino !

Uma vez — ao romper d'alva !
Inda as bagas de coral
Do cafezeiro orvalhado
Brilhavão como crystal ;

A inspirada avesinha
Com que ardor saudava o dia !...
Era um delirio de sons !...
Erão ondas d'harmonia !...

N'isto, um caçador cruento,
Que nas selvas penetrou,
Espia por entre as ramas...
Escuta... olha... e parou!

Aponta o fuzil... O tiro
Retroa por entre as penhas...
Primeiro sangue innocente
Mancha o asylo das brenhas!

Ai! o filho das florestas
Teve um bem fatal destino!
No homem que vio primeiro
Vio o primeiro assassino!...

A A. P. ALEGRE.

Uma tarde, ao sol posto, eu vi austero,
No centro das indigenas florestas,
Um homem contemplando a natureza!
Qual outro Dante, em seu olhar profundo

Mysteriosa luz se concentrava.
Na sua erguida testa as amplas rugas
Imprimião-lhe ao rosto pezaroso
Um aspecto sombrio, mas sublime.
E n'aquella mudez interrogava,
Quem sabe que reconditos arcanos !
Era do novo mundo o novo Homero.
Em torno as verdes matas sussurravão
Da viração ao tepido bafejo ;
Queixosos deslisavão-se os regatos
Pelas alfombras de macias relvas ;
D'entre a sombra dos grandes arvoredos,
Por virentes festões entrelaçados ,
Rompião mil insectos luminosos ,
Em gyros vagos rapidos volvendo ;
A palmeira gentil erguia ás nuvens
O seu excelso e verde diadema ;
E já no firmamento estremecião
As brilhantes e timidas estrellas ;
Casavão-se da terra as harmonias
Aos concertos que vibrão as espheras
No ether brando d'essencias perfumado.
Então da lua um raio desprendeo-se,
A qual no céo azul resplandecia,

A nobre fronte ao vate illuminando.
Estranha commoção agita as selvas,
Mysticas vozes fallão no silencio,
E ouvi soar nos echos infinitos :

— « Ao cantor de Colombo, a terra virgem,
Sagrando os louros do Camões, do Tasso,
Hymnos entôa ao genio americano ! »

PROFANAÇÃO!

Do machado aos duros golpes
Caem matas sussurrantes,
E dos troncos seculares
Faz-se holocaustos gigantes!

Assim o homem destróe,
Em seu furor iracundo,
O santuario dos templos
Que são coevos do mundo!

OS RIOS.

A S. M. IMPERIAL

O SENHOR DOM PEDRO SEGUNDO.

*Ex quo loco exeunt, huc flumina re-
vertuntur, ut iterum fluant.*

I

As aguas como a luz, são dois verbos fecundos!
Deos abysmos encerra em sua profundeza!
As aguas são a seiva; — a luz, alma dos mundos,
O que a vida gerou na vasta natureza!

Desde o immenso equador aos terminos polares,
Inunda e banha o céo de luz as creaturas!
Dos rios ao murmurio, aos canticos dos mares,
Da creação a prece eleva-se ás alturas.

A luz o genio guia das glorias á conquista!
O vasto mar se espraia, abrindo-lhe passagem;
Rasga as ondas Moysés e o povo eleito avista
Transpondo a um gesto seu a tumida voragem!

Das tradições da historia as paginas mais bellas
Vão do undivago pego em seu rolar escriptas!
Não póde o tempo audaz— não logrão as procellas
Esse livro apagar das vagas infinitas!...

O Nilo caudaloso o Egypto nos aponta
Em colossal sphynge a mythica epopeia!
De Memphis diz a fama e dos Thebanos conta
Qual foi a sorte emfim na movediça areia!...

O Ganges do Himalaya estruge nas arestas
As indicas Babeis ás gerações mostrando...
O Tigre e o Euphrates vão, nascidos das florestas,
Seleucia e Babylonia á mente recordando!...

Eis o Jordão feliz! cumprio-se a lei divina :
O Deos-Homem remio a oppressa humanidade!
Ali se vio surgir no céo da Palestina,
Sorrir, brilhar, o sol da eterna liberdade!

Além, de Roma aos pés, o Tibre passa ovante
Ao ver erguida a cruz nas grimpas triumphaes!
Já dous mundos saudou! mas hoje sussurrante
Ao Vaticano entôa os hymnos immortaes!

O Danubio feroz as cinco immensas fózes
Ao Mar Negro arrojando altivo brada e fero :
— « Em minhas margens troão de cem nações as vozes,
De Bade á Bessarabia eu sou o que ainda impero ! »

O Vistula a gemer os dous braços alonga
E da Polonia escrava a liberdade implora...
Em páramo deserto o gyro seu prolonga,
E, leão indomavel, ameaçando, chora!

O Rheno magestoso ensina, austero e grave,
Da bellica Germania as lendas fabulosas...
A dous imperios raia, os feudos do margrave
Retrata vigilante em ondas rumorosas...

Eis o Sena, rival do Tamisa arrogante !
Um á frente d'Albion cinge a fulgida corò !
O outro da França ao mundo a voz solta : Avante !
E do seu genio a gloria aos echos apregò !

O Douro e o aureo Tejo, ás urnas recostados,
De Portugal conservão a perennal memoria ,
E contão gravemente aos homens assombrados
De tão gigante povo a gigantesca historia !

Oh ! que immenso painel a vista nos assombra !
Nas arterias do globo a vida está latente ;
O sol espalha a luz ; — os montes dão a sombra ;
Mas o solo fecunda a rapida corrente !

A terra immovel jaz, e as gerações volvendo
Estampão-lhe no dorso os indeleveis traços ;
Mas quem ha de dizer ao mar que vai correndo :
— « Guarda na face impresso o sello de meus passos ? »

Quem ousára no abysmo erguer alta muralha,
E torres construir a seu fugaz imperio ?
O mar, igual á morte, enrola na mortalha
O temerario audaz que sonda-lhe o mysterio !

Não tem senhor nem lei! Só Deos e a tempestade
O seu poder impõe ao tumido elemento!
Da colera celeste avulta a magestade
Das aguas ao bramir e ao sibilar do vento!

Tudo transforma o tempo em seu gyrrar constante!
As montanhas desloca — valles atopeta.
A terra é dominada, e o homem triunphante
Livre traça ás nações a soberana meta!

Mas quem ha de mudar das aguas o caminho?
Ao mar dizer : Parai!... dizer ao fundo rio :
Esquece a tua origem ; enlaça novo espinho
A's paludosas margens em teu novo desvio?

No movimento eterno, eterna a permanencia!
Assim da raça humana escripta foi a sorte.
A' fórma renovada assiste a mesma essencia:
A vida é um crisol — resurreição a morte!

Da natureza immensa o arbitro potente
As aguas escolheu, onde esta lei impera ,
Para assistir ao drama, ao Genesis fremente
Da criação activa em toda a vasta esphera!

II

Ao mundo de Colombo emfim rasgão-se os véos!
Outra terra apparece! arqueião-se outros céos!
Aqui fecunda entorna a mão da natureza
A luz, o amor, a vida, as galas e a riqueza
No seio ardente e virgem do Eden conquistado :
Os veios d'ouro alastrão o solo, onde engastado
Refulge o diamante e ao sol rouba o fulgor!
Templos monumentaes de mais alto esplendor
Alteião-se, balanção-se as matas seculares
Os montes a vestir — a assoberbar os ares!
As serras de granito em seu dorso pujante
Os mundos a suster fazem lembrar Atlante!
Até a Providencia em seus altos arcanos...
Os rios torna em mar — os lagos em oceanos!
E porque tudo emfim mais alto sobresaia,
Vence o condor a aguia — e os Andes o Himalaya!

De guarda vigilante ao novo continente,
E fontes baptismaes de um mundo inda nascente,
A dous imperios vão prophetisando a sorte
O Amazonas ao sul — o Mississippi ao norte!

De Washington a patria adorna a magestade!
Sibylla do progresso, e mãe da liberdade,
Avança triumphante a conquistar o espaço
Por entre o mundo absorto! A força de seu braço
Tornou verdade um sonho : o mytho d'Archimedes!
Em trinta estados funda a seu poder as sédes.
A' portentosa industria os porticos rasgando,
E ao templo universal os povos convocando,
A's artes dicta a lei — é do trabalho a incude!
De Fulton ao mysterio as distancias illude;
O tempo vence; ao sol arrebatando o raio,
Converte em dia eterno as trevas em desmaio!
Eis o sopro de Deos! A luz se manifesta.
As aguas, a montanha, abysmos, a floresta
O homem converteo em novas maravilhas,
De sua força irmãs — de seu engenho filhas!
Até onde, Senhor, retumbará o grito
D'um povo caminhando em busca do infinito?

Em face do colosso, audaz, erguendo a fronte,
O Brasileiro Imperio assoma no horizonte!
O cruzeiro do sul, de seu fulgor emblema,
De estrellas lhe circumda o immortal diadema.
Aos pés lhe ruge o mar. — As nuvens entestando,

Cresce o vulto soberbo, o manto desdobrando
De matas virginaes. — Nos braços de granito
Abarca vigoroso um ambito infinito,
Aonde cem nações — tal é o vasto imporio!
Póde livrès conter o amplo territorio!
No peito muscular de rija contextura
Fulmina o raio em vão de rocha a fibra dura!
A chamma dos volcões no halito resfolga;
Os elementos vence — á natureza empolga
O sceptro creador! Assim é do Amazonas
O rei, que envolve em seu poder as zonas
Do gigante Brasil — da terra hospitaleira
Onde bafeja o sol a cõma da palmeira!

Vêde-o soberbo, em pé! As veias lhe circula
O sangue juvenil. — O coração lhe pula
Da liberdade á voz. — Firmado no estandarte
Da nova redempção — ei-lo a caminho — parte
A's sombras do porvir a desvendar o arcano!
É este do futuro o regio soberano.
Ante o passo veloz do lidador augusto,
Abri, velhas nações, o portico vetusto
De vosso Deos ignoto! A fé surgio de novo
Na Biblia do progresso a resgatar o povo!

A' marcha triumphal do genio peregrino
No firmamento echôa um cantico divino,
Acompanhando a orchestra unisona do mundo.
Das cavernas da terra o retroar profundo,
Dos antros pavoroso o tetrico ribombo,
Niagaras,—abyssmo a fascinar— o tombo
Da cascata espumante, os echos da floresta,
Os ventos a bramir na ponteaguda aresta
Das gargantas do serro, um chaos, noite e dia,
De confuso estridor—solemne na harmonia
Em seu estrondo bello!—taes são as consonancias
Do psalmo universal — O respirar, as ancias
Da virgem natureza ao genio a demandar—:
« Onde está do futuro a victima e o altar? »

Até onde, Senhor, retumbará o grito
Dos povos caminhando em busca do infinito?

Um continente inteiro arqueja n'esta luta,
E a voz do archanjo a murmurar se escuta :

— « Eis do porvir o symblo—os dous rios gigantes
Traçados sobre a esphera em linhas rutilantes. »

2 NO 63

INDICE.

Introdução	v
----------------------	---

O LAR.

A Família.	1
A minha Irmã	5
Aquella Estrella.	9
A meu Filho.	13.

EPHEMERAS.

A Noite	20
A uma senhora.	23
Orphãs de Santa-Thereza.	25
Arrufos	29
A uma actriz.	33
Adeus	37

Camelia	41
Saudades	45
Perdão!	49
Anjo da Fé	55
Ei-los passando	58
Mulher-Estatua	61
A Laura	65
Era uma tarde	67
Adeus d'um artista	69
Coração infeliz	71
A um poeta	73
Confissão	75
Eu a vi!	81
N'um album	85
A' morte de M ^{lle} Calogeras	89
A' irmã d'um poeta	93
É doce ouvir	95
A gondola funeraria	97

• MUSA FRATERNAL.

A M. Zaluar	103
Amor extinto	105
A A. E. Zaluar	109
Resposta	113
Pepita	117
O Prisioneiro	119
O Deserto	125
Il canto della Cieca	128

O canto da Cega.	129
Die Blumen.	136
As Florinhas.	137
Trepadeiras	141
Estrellas errantes	145
Desanimo.	149
Al pasar	155
A serra de Paranápiacaba.	163
Ninguem.	170
Nessuno	171

HARPA BRASILEIRA.

A Flor do Mato.	181
A casinha de sapé	187
O Ouro.	193
O Filho das florestas	197
A A. P. Alegre.	201
Profanação	205
Os Rios.	207.

2 NO 63

+

20

